



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CARLOS EDUARDO DOS SANTOS BEZERRA

**CINEMA E EDUCAÇÃO:
SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO LUZ,
IMAGEM E MAGIA / LUZ, CÂMERA E EMOÇÃO**

**GUARABIRA-PB
2018**

CARLOS EDUARDO DOS SANTOS BEZERRA

**CINEMA E EDUCAÇÃO:
SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO LUZ,
IMAGEM E MAGIA / LUZ, CÂMERA E EMOÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia da Rocha Cavalcante.

**GUARABIRA-PB
2018**

B574c Bezerra, Carlos Eduardo dos Santos.

Cinema e educação [manuscrito] : sistematização da experiência dos projetos de extensão luz imagem e magia/luz câmera e emoção / Carlos Eduardo dos Santos Bezerra. - 2018.

42 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH."

1. Cinema. 2. Construção do Conhecimento. 3. Extensão universitária. I. Título

21. ed. CDD 791.437

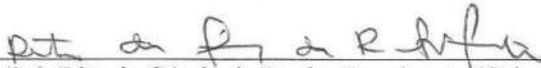
CARLOS EDUARDO DOS SANTOS BEZERRA

**CINEMA E EDUCAÇÃO:
SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DOS PROJETOS DE EXTENSÃO LUZ,
IMAGEM E MAGIA / LUZ, CÂMERA E EMOÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Pedagogia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Graduado em Pedagogia.

Aprovada em: 05/12/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia da Rocha Cavalcante (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Sheila Gomes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe Patrícia, minha avó Maria das Dores, e ao meu irmão Caliel Henrique pela dedicação e companheirismo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro sempre presente em cada circunstância da minha vida, e não somente nestes 4 anos como universitário, mas que em todos os momentos é o maior mestre que poderia conhecer.

A professora Dr^a. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante que me orientou e me acompanhou ao longo desta jornada, agradeço pela paciência que teve comigo, pelas leituras sugeridas, pela dedicação - o apoio que me deu em todos os momentos, pelas questões, críticas e sugestões que levantou, sempre tão válidas e oportunas que, me estimularam a concretizar este trabalho.

A minhas colegas de equipes dos Projetos de extensão: Luz, Imagem e Magia/Luz, Câmera e Emoção, Suzana Santos, Lucilene Rodrigues e Alba Morgana.

Ao meu amigo Wellington Miguel, que me ajudou na formatação deste trabalho, embora tivesse inúmeras outras coisas para fazer...

A minha avó Maria das Dores, que esteve sempre comigo, e mesmo sem estudos, fez o possível para que chegasse até aqui.

A minha mãe Patrícia dos Santos, embora fisicamente ausente, seu apoio incondicional me deu forças para realização deste trabalho.

Aos meus amigos, simplesmente por existirem.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

A educação está ligada ao cinema de várias formas, pois este fornece novas percepções da realidade, além de propiciar o crescimento intelectual, sensível e afetivo, na medida em que os filmes ampliam as visões de mundo das pessoas (OLIVEIRA, RECH e CANTON. 2015, p. 18)

RESUMO

Este artigo visa apresentar a partir da sistematização de experiências do processo vivido nos projetos de extensão: Luz, Imagem e Magia: Cinema infantil no Centro de Humanidades (2015/2016) e Luz, Câmera e Emoção: Quando o cinema vai à escola pública (2017/2018), a fim de levantar as contribuições realizadas pela equipe do projeto nas escolas públicas das cidades de Guarabira/PB e Cuitégi/PB, enfocando os impasses bem como a relação entre gestores, professores, alunos e a equipe do projeto em relação a cinema. Em termos metodológicos este trabalho, considerou a sistematização de experiência tendo por base os princípios apontados por Holliday (1996) e Falkembach (2018), que possibilitaram a apropriação das fases do projeto, reconstruindo e refletindo o processo vivido. A proposta de cinema interativo desenvolvidas nas escolas juntos aos estudantes buscou afirmar o protagonismo infanto-juvenil enquanto condição imprescindível à produção de curtas, a socialização e a construção de conhecimentos pautados na realidade vivida. Conclui-se que, o cinema na escola exige o trabalho coletivo, a gestão democrática e a formação permanente dos educadores, forjando uma política pública comprometida com o ético e o social, num compromisso com a arte a cultura enquanto fazeres humanos.

Palavras-Chave: Cinema. Construção do Conhecimento. Extensão universitária.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto nº 01	Atividade de conclusão da pré-estreia do projeto de cinema com o movimento MST.....	18
Foto nº 02	Atividade inicial do projeto na escola José.....	22
Fotos nº 03	Dinâmica do barbante na instituição José, 2016.....	24
Fotos nº 04-05	Ida das escolas ao cinema, 2016.....	26
Imagem nº 01	Mascote do projeto, 2017	29
Imagem nº 02	Print do Caderno do cinéfilo, 2017.....	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	DESENVOLVIMENTO.....	15
2.1	Luz, Imagem e Magia.....	16
2.2	Luz, Câmera e Emoção.....	27
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
4	REFERÊNCIAS.....	34
5	ANEXOS.....	36

1. INTRODUÇÃO

O cenário educacional é mutável principalmente nesta era tecnológica que nos encontramos. (BASSOS, S/D) Vivemos em um local heterogêneo e propício ao desenvolvimento de novos conhecimentos, compreensões e pensamentos críticos, com relação intrínseca a construção social, cultural, política e intelectual dos estudantes, no que se refere as suas experiências de mundo e a formação integral do ser. (MORAN, 2000)

Neste cenário, a sala de aula é um ambiente de constantes desafios e o professor frequentemente se depara com inúmeras incertezas e situações, em que a resposta encontrada é provisória, dada as alterações periódicas que a informação e processo educacional sofrem. “Por isso, não se trata de fazer previsões escatológicas sobre os destinos da escola, mas reconhecer a importância do momento presente no qual se configura o futuro da educação.” (PIMENTEL, 2011, p.19.).

Nesse contexto, é aprovada a lei nº 13.006/2014 que modifica o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação em vigor, acrescentando o parágrafo 8º que estabelece a obrigatoriedade da implantação o cinema nas salas de aula, com no mínimo 02 horas mensais de exibição de filmes nacionais.

A inserção do cinema na escola, como um espaço que permite a criação de atividades didático-pedagógico pode possibilitar o diálogo entre os vários componentes curriculares e o cotidiano, permitindo abordar inclusive temas transversais.

Um questionamento que fazemos ao longo do estudo é o seguinte: por que não se utilizar do cinema para desenvolver atividades de leitura das linguagens visuais que possibilite ao aluno o exercício da cidadania?

Vale salientar que, a exibição fílmica na sala de aula compreende uma prática pedagógica a ser planejada de forma, não devendo ser um meio de preencher um horário ocioso, mas como recurso que interliga culturas, informações, ou seja, um ato comunicativo e formativo de conhecimentos dentro e fora do ambiente escolar. Uma vez que, as obras fílmicas constituem uma variante para compreensão da realidade, sendo a figura do docente importante frente ao papel de ensinar e subsidiar o discente para que aprenda a usar este recurso, e com isso compreenda e reflita respeito dos conhecimentos adquiridos no seu cotidiano, auxiliando a associar as cenas visualizadas na tela com sua vivência. (PIMENTEL, 2011)

O cinema dá a impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros. Mesmo quando se trata de algo que sabemos não ser verdade [...]. Só que na tela ficou uma mágica com toda a força de uma realidade. No cinema, fantasia ou não, a realidade impõe-se com toda a força. (BERNARDET, s/d, p.126)

Outro aspecto que questionamos é: como o professor desenvolverá uma visão crítica a cerca da utilização dessa prática com os alunos, se não o teve enquanto discente?

Nesse contexto, o docente poderá perceber a necessidade de adaptar-se ao novo contexto (em que os discentes trazem consigo, o uso dos meios tecnológicos), e trazer isso a sua prática ou seguir sem desenvolver certas competências para que ajuste o uso do cinema as suas intenções e necessidade dos alunos, auxiliando na criação de conexões entre a realidade o visto na tela de forma a apropriar-se dos aprendizados que venham a contribuir com o seu modo de ser (PIMENTEL, 2011).

Diante disso, teremos com eixo de sustentação para este estudo a relação que gestores, professores e alunos fazem entre cinema e educação em algumas escolas do município de Guarabira/PB e uma do município de Cuitégi/PB. Pensamos que, é necessária a reconstrução do processo vivido, recuperando as práticas vivenciadas de forma reflexiva a fim de repensar a prática, e com isso gerar condições de construção de novas práticas. Para tanto, iremos sistematizar a experiência promovida nos projetos de extensão *Luz, Imagem e Magia: Cinema infantil no Centro de Humanidades (cota 2015/2016)* e *Luz, Câmera e Emoção: Quando o cinema vai à escola pública (cota 2017/2018)*, em que atuei como bolsista, descrevendo o trabalho pedagógico realizado e tecendo reflexões entre prática a teoria.

Segundo Falkembach (2000, p. 15), a sistematização trata-se de uma “ferramenta apropriada e apropriável para a recuperação e reflexão do viver compartilhado”. Embora por vezes, seja vista como uma atividade complexa e com condições que geram desestímulo ao pesquisador, devido à complexidade requerer “um esforço extraordinário e muito especializado”, necessitando assim de muita “atenção” e disposição de tempo muito extensa, podendo haver em alguns casos a falta de uma formulação clara sobre o que vem a ser sistematização. (HOLLIDAY, 1996, p.09)

Às vezes é entendida como um projeto de investigação; outras vezes é identificada como um informe de trabalho ou com o uma lista ordenada de atividades realizadas. Não se sabe claramente que produtos concretos poderiam trazer. Tampouco está claro se se deveria sistematizar toda a experiência institucional ou se é possível fazê-lo só sobre uma experiência particular. Enfim, converte-se em algo misterioso, entre mágico e etéreo, que não se sabe por onde pegar. (*idem, ibidem*. p.10)

Contudo, percebemos na sistematização a possibilidade de abertura um espaço propício à interpretação das ações vivenciadas no projeto Luz, imagem e Magia/ Luz, Câmera e Emoção, reavaliando as práticas docentes e discentes, gestão escolar e até as ações da própria equipe do projeto. Possibilitando-nos a apropriação destas experiências, ou seja, oportunizando desenvolver um novo olhar, dar um sentido reflexivo, e elucidar esta experiência, levando-nos a construção, desconstrução e reconstrução constante de conhecimentos, no contato com as experiências de vida, e na reavaliação de nossas certezas, revermos nossa prática na perspectiva sempre aberta de construção permanente do ser humano.

Neste processo, estar aberto é requisito fundamental para reconhecer as falhas ocorridas na prática, bem com as chances de sucesso. Durante a reconstrução do processo vivido se fará uso de documentos, fazendo resgate desta vivência, e refletindo os aprendizados que permeiam esta experiência.

A própria experiência é o que se coloca como objeto de resgate e reflexão. Portanto, é sobre algo meu, seu, nosso que se coloca a possibilidade de desvendar e tornar públicos equívocos, incorreções, debilidades, contradições ao lado do que consideramos acertos e sucessos também alcançados. E mais: se a sistematização se faz para aprendermos com nossas experiências e para melhorá-las, significa que o processo pressupõe mudanças. Mudanças que vão implicar ganhos que, necessariamente, pressupõem perdas; as perdas que, das escolhas, decorrem. Portanto, fazer sistematização é colocar-se em situação de aprendizagem frente a esse fazer; é predispor-se a circular, conscientemente e inconscientemente, entre os limites do novo e do já vivido. (FALKEMBACH, 2018, p.6)

Sistematização dessa maneira trata-se de uma forma metódica para elaborar o conhecimento da realidade, não se restringindo a uma mera organização de dados, mas que a partir de um conjunto de práticas, reavaliar e repensar as ações. “E este momento de análise e interpretação desempenha um papel significativo no desencadeamento e na orientação dessas mudanças” (FALKEMBACH, 2000 p.11).

Assim, no que refere a metodologia adotada neste trabalho foi a sistematização de experiências, considerando os requisitos destacados por Holliday (1996), a saber: *O ponto de partida* – “ é o que permite aproximar a sistematização a partir do que a própria riqueza das experiências pede-se que se faça: apropriar-se da experiência vivida e dar conta dela, compartilhando com os outros o aprendido”. (p.22) Desse modo, neste trabalho a busca por experiências e vivências na sala de aula com a utilização de práticas pedagógicas que possibilitassem a aquisição e desenvolvimento de novos conhecimentos no que diz respeito às práxis do docente, despertou o interesse de envolvimento com o projeto de extensão de cinema. Uma prática que geralmente é desenvolvida como meio de preenchimento de horários

vagos, revelando que os docentes desconhecem as contribuições significativas que a sua utilização pode desenvolver no processo de ensino-aprendizagem entre docente e discente a importância de estar fazendo uma relação entre tecnologia e educação, pois as novas tecnologias estão cada vez mais presentes no contexto escolar e por isso faz-se necessário trabalhar com esse tema nas pesquisas.

As perguntas iniciais - é com base no ponto de partida que se inicia a sistematização pautada em três recomendações que orientam o processo: - a definição do objetivo de sistematização, ou seja, para que queremos sistematizar; - delimitar o objeto da sistematização qual experiências se quer sistematizar; - a definição do eixo de sistematização quais aspectos se traz dessas experiências nos interessa sistematizar. O nosso estudo trouxe questionamentos na tentativa de compreender qual a concepção, gestores, professores e alunos tem por utilização do cinema na sala de aula? Porque usar desta prática? Quais contribuições esta traz ao desenvolvimento cognitivo e psicológico dos discentes. Como o professor pode beneficiar a sua utilização na sua prática?

A recuperação do processo vivido - é o momento descritivo da experiência pautado em dois aspectos: reconstruir a história o que indispensavelmente implica a consulta de registro, a elaboração de um cronograma podendo ser estruturado em forma de conto ou de narração; a ordenação e classificação da informação, para efeito desse trabalho a reconstrução das vivências foi feita a partir da análise dos documentos como os levantamentos das temáticas, roteiros elaborados para as exposições, relatórios parciais e finais de ambas as fases, relatos pelos membros que fizeram parte, as fases do projeto, livros de cinéfilos, depoimentos das crianças, edital de seleção de curtas e do mascote do projeto e ainda a releitura de arquivos visuais e audiovisuais como vídeo e fotos tiradas ao longo das atividades do projeto e que compõe o seu acervo;

A reflexão de fundo - “ir mais além que o descritivo, de realizar um processo ordenado de abstração para encontrar razão de ser no processo de experiência é perguntar-se porque aconteceu o que aconteceu” (HOLLIDAY 1996, p.88). A análise dos depoimentos dos alunos na ocasião de ida ao cinema para exibição de filme em ambiente próprio. Os impasses encontrados na execução dos projetos, no que se refere as atitudes dos gestores, em alguns casos envolvidos.

Os pontos de chegada - é a formulação de conclusões tanto teórica como prática pautas nas principais perguntas e respostas baseadas no eixo de sistematização formulado com

o objetivo de comunicar a aprendizagem obtida a outras pessoas através de material escrito (HOLLIDAY, 1996).

Dessa maneira, inicia-se o desenvolvimento desse trabalho com a sistematização expressando a relação cinema e educação, apresentando a reconstrução do processo vivido no projeto de extensão Luz, Imagem e Magia: O Cinema Infantil no CH-UEPB, com a criação da proposta, levantamentos das temáticas, implantação nas escolas públicas e problemas enfrentados para conseguir realizar o projeto e a segunda fase do projeto de extensão do cinema na escola Luz, Câmera Emoção: Quando o cinema vai à escola pública, destacando a experiência com cinema promovida nas escolas, e abordando a construção do conhecimento obtido através da sistematização desta relação entre cinema e educação. Em seguida e por fim, tecemos as considerações gerais sobre a experiência sistematizada.

2. DESENVOLVIMENTO

O processo de execução de ações voltadas ao cinema na escola a princípio teve a ideia norteadora de levar as escolas a UEPB - Centro de Humanidades, onde ocorreu, a primeira exibição no Campus III - possibilitando questionamentos necessários e a promoção de parceria com 2ª Regional de Ensino, sendo no primeiro momento o canal de comunicação entre o projeto e gestores da escola. Direcionado as instituições públicas de ensino após o levantamento das temáticas verificou-se de algumas resistências a acolhida do projeto. Na primeira fase do projeto, foram ofertadas atividades de formação como as oficinas oferecidas pela equipe do projeto e oficinas em parceria com o Programa do Centro Estadual de Artes-CEARTE. Nas escolas a realização das atividades nesta primeira fase foram condições primeiras para o envolvimento dos discentes, no que se refere aos docentes de José e Fernando. Nota-se uma instabilidade no interesse por essa prática, sobretudo na participação das oficinas. Poucos destes docentes participaram. Na segunda fase, inúmeros fatores dificultaram o desenvolvimento das atividades na escola - as instituições José e Fernando, abertas a outros projetos que passaram a ocupar o seu horário chegando a inviabilizar as atividades com o cinema em sua dependência e a escola Manuel, mais envolvidas no projeto nas figuras de gestora, aluno e professores que deixou de funcionar por fatores sociais relacionados a violência e insegurança do bairro onde a escola estava inserida - afetou o desenvolvimento do projeto de extensão.

2.1. Projeto Luz, Imagem e Magia

O projeto de extensão “Luz, imagem e magia: o cinema infantil no CH-UEPB” teve início no mês de novembro de 2015, com o propósito de “criar um ambiente para se fazer as exibições fílmicas no Centro de Humanidades”. A primeira ação para implantação do cinema na Universidade foi fazer o cadastro das escolas públicas que tinham interesse em participar das atividades do projeto. Essa ação ocorreu a pedido de alguns professores da educação básica que ao ver nas redes sociais a divulgação do projeto entrou em contato com a coordenação do mesmo. Nesse momento, foram cadastradas seis escolas, sendo cinco localizadas no município de Guarabira e uma no município de Cuitegi, situadas no Estado da Paraíba.

Durante os meses de novembro de 2015 a fevereiro de 2016, foram realizados estudos para aprofundar os conhecimentos a respeito das influências que as exibições fílmicas podem ter no desenvolvimento sócio cognitivo das pessoas, além de levantamentos de material (vídeos, curtas-metragens e dinâmicas) para se fazer nas exibições interativas durante este período.

No mês de fevereiro, iniciou-se a divulgação do projeto através das redes sociais, utilizando-se da página do projeto no Facebook (<https://www.facebook.com/Luz-Imagem-e-Magia-100320943712166/?ref=bookmarks>) como canal de comunicação e de difusão da proposta do cinema no ambiente universitário para proporcionar aos discentes o acesso a um espaço com exibições de cinema interativo no Centro de Humanidades, no campus III. A ideia central foi gerar uma oportunidade de acesso ao cinema pelas escolas. A partir disso, alguns docentes e gestores escolares entraram em contato demonstrando interesse de participação, o que incidiu no acordo de parceria entre a 2ª Regional de Ensino e a Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades. (Cf. Anexo nº 01 e 02)

No mês de abril, o projeto participou da 1ª *Marcha dos Trabalhadores Sem Terra (MST)*, sendo no dia 20 do corrente mês a prévia de abertura das atividades fílmicas no CH. O projeto moveu-se através de um roteiro para trabalharmos com as crianças do movimento. (Cf. Anexo nº 03)

A proposta de exibição trabalhada com o movimento MST foi estruturada em momentos. No seu primeiro passo realizamos a acolhida das crianças, utilizando a dinâmica “corpo produz som”, através fizemos o reconhecimento das partes do corpo e percebendo o quanto elas são capazes de produzir sons - uma percussão!

Em seguida, realizamos a exibição do vídeo **Reforma Agrária do MST**. Com base no curta e nas histórias de vida, começamos uma roda conversa com os participantes e posteriormente tivemos o curta **O que pensam do MST**, abordando a visão sobre o movimento e como atividade interativa, solicitamos que as crianças realizassem um desenho do que gostavam no movimento.

Logo após apresentamos o curta **Calango**¹, tratando das desventuras de um réptil. Levamos como exercício lúdico a proposta de imitarem um animal. A princípio as crianças demonstraram receio e timidez, mas logo começaram a se envolver na dinâmica, percebendo as sonoridades que eram capazes de reproduzir. Esse momento de descontração revelou a perspectiva de sair da condição passiva de meros espectadores e adentrar na formação ativa do ser, com a construção do autoconhecimento, assim como o personagem deste último curta que era autor de suas aventuras e histórias.

O filme que encerrou as exposições, neste dia trazia o Educador Paulo Freire, em uma de suas últimas entrevistas em 1997. Freire falava da alegria de ter acompanhado a marcha dos Sem Terra e a caracteriza como “um marco de um povo sedento do desejo de mudar o mundo, sendo o movimento uma das expressões mais autênticas e fortes da vida política e civil de nosso país”. Para o autor, “o movimento expressa os anseios democráticos da sociedade”².

É importante evidenciar a proposta do projeto de cinema interativo que permite fazer o entrelace entre os curtas e as atividades lúdicas. Essas interações entre aluno e professor, aluno e cinema e professor e cinema, permitem a socialização entre os conhecimentos e as trocas de experiências entre os envolvidos. Mas não basta o professor ver e gostar de cinema, o docente necessita de um “olhar mais revelador, perceptivo e crítico do que vai além do explicitado”, tal compreensão contribuirá para que o professor estabeleça critérios mais profundos na hora de inserir o cinema na escola. (PIMENTEL, 2011, p.88)

Encerramos a programação de lançamento do cinema no CH plantando uma muda de árvore. Queríamos marcar com essa ação um ponto de partida vivo e com um movimento que trabalha a terra, entendíamos que seria de fundamental importância a preservação da teoria e

¹ **Calango!** É uma animação brasileira que envolve ação e humor, produzida por alunos da oficina de animação em 3D, realizada pela OZI (Escola de Audiovisual de Brasília) no período de outubro de 2006 a abril de 2007. Narra às aventuras de um calango faminto em busca de comida que, ao se deparar com um grilo decide fazê-lo sua próxima refeição. Neste momento se inicia uma tentativa desenfreada de captura do grilo pelo calango que passará por inúmeros obstáculos. No decorrer do filme o protagonista percebe que as coisas não seriam tão fáceis como imaginava.

² Ver: **Paulo Freire e MST - Somente pela luta teremos a Libertação**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qQUtkvjNhSQ>

prática. Foi um momento singular de aprendizagem. As crianças e os adultos juntos ampliaram nosso jardim, alegrando a nossa flora. Promover a vida e a arte através de proposta pedagógica foi o mote dessa abertura.

Foto nº 01: Atividade de conclusão da pré-estreia do projeto de cinema com o movimento MST, 2016



Fonte: Relatório do projeto de extensão, 2016.

No dia 30 de abril ocorreu a abertura oficial das atividades de exibição do projeto. Nesta ocasião, participaram cerca de 80 alunos, pais, professores e gestores das escolas participantes e a representante responsável pela 2ª Regional de Ensino. Inicialmente houve o acolhimento das crianças e dos responsáveis de forma dinâmica, gerando um ambiente de descontração e entrosamento entre os envolvidos.

A instauração oficial do projeto de cinema infantil no Centro de Humanidades foi marcada pela apresentação da proposta (objetivo previsto, formação dos alunos e docentes e a metodologia de trabalho) na perspectiva de práxis educativa.

Após encerrar a explanação do projeto se iniciou um momento de descontração, realizando a dinâmica do corpo produz música, convidou-se as crianças a perceber que além dos sons produzidos pelas partes dos seus corpos, tais movimentos ocasionavam um

alongamento do corpo, desvinculando-se da visão de que estar sentados todo o tempo do gera aprendizado como geralmente ocorre em um ambiente formal de ensino.

Desta forma, percebe-se que as atividades desenvolvidas na exibição prévia que, apresentaram uma avaliação satisfatória foram mantidas, no intuito de analisar as condições de execução da proposta frente realidade das crianças, familiares, professores e gestores das escolas públicas das cidades de Guarabira e Cuitegi, permitindo levar em consideração a utilização de uma atividade lúdica em roteiros curriculares. (Cf. Anexo nº 04)

O cinema visto como meio de propagação de valores culturais, busca criar um ambiente em que os filmes favoreçam ao aluno o desenvolvimento de uma educação de qualidade na informação e no conhecimento principalmente no cenário atual em que as pessoas estão a cada dia mais envolvidas com os meios midiáticos, informacionais e sociais.

A primeira exibição fílmica realizada pelo projeto despertou um misto de sentimentos, ao passo que encantou os discentes, alguns docentes, gestores e pais de alunos, levantou certos questionamentos e inquietações. O fato das exibições serem quinzenalmente aos sábados, deu origem a comentários de alguns professores que estavam inconformados em ter que abdicar do seu dia livre para estar nas exibições com os alunos. Ouvíamos falas do tipo: “Por que no sábado?”, “Durante a semana em dia letivo seria melhor, ocuparia o horário de aula”.

Desta forma, nos deparamos com a resistência dos professores ao dia indicado para as exibições fílmicas. Seria necessário avaliar essa situação, atenuando este “empecilho”. Tornara-se necessário reavaliar este aspecto e reorganizar as ideias iniciais.

Contudo, este primeiro contato com a proposta de cinema infantil na universidade apresentou boa aceitação do público presente e oportunizou a base necessária para apoio da Regional do Ensino e reafirmou o interesse de alguns gestores e professores a tornarem-se colaboradores no projeto.

Outro fator que se percebeu como obstáculo, neste primeiro momento foi o de como realizar as exibições no campus sem contar com transporte que possibilitasse a locomoção dos alunos, pais, e corpo docente da escola até o ambiente do Centro de Humanidades.

Na tentativa de enfrentar essa realidade estabeleceu-se um acordo com a Secretária da Educação através da carta proposta (acima mencionada e anexada). Neste sentido, iniciamos um processo de levantamento de realidades e temáticas viáveis a serem abordadas e que contribuíssem na construção dos perfis e roteiros de exibições fílmicas de cada instituição.

O contato direto com as escolas para levantamento de dados evidenciou dois fatores *a priori*, a variedade de perfis de docentes e gestores que encontramos e seus posicionamentos a respeito do projeto, isto é, enquanto houve escola que manifestou resistência, outras instituições deram total apoio e suporte, denotando acolhimento a proposta, um segundo aspecto foi à necessidade da construção de perfis voltados ao combate da violência, em suas variáveis formas.(Cf. anexo nº 05)

Neste processo de coleta de dados, notou-se um desestímulo por parte dos gestores e professores de algumas instituições. Essa dificuldade em ter um horário para realizar as exibições de cinema, bem como em localizar o prédio de funcionamento de uma das escolas tornou-se um obstáculo. Em consequência disso, das 05 (cinco) instituições cadastradas na cidade de Guarabira, 02 (duas) continuaram fazendo parte do projeto.

Outro aspecto notado, diz respeito ao fato de que nestas escolas que demonstraram relutância em acolher o projeto, quando questionados a respeito do horário no período da tarde e dia da semana seria mais viável para desenvolvimento das atividades, apresentavam propostas que envolvia os dias e horários finais das atividades semanais, por exemplo, sexta-feira das 09h00 min as 11h00min no período da manhã, das 15h00 min as 17h00min.

Diante disso, levantamos alguns questionamentos: como desenvolver as atividades do projeto quando o gestor e os professores não estão abertos a se envolver no processo de forma parceira? Atuar sem a existência de colaboradores seria possível? Qual a perspectiva que a escola tem a respeito das exibições de cinema na escola?

Notamos que se torna difícil desenvolver qualquer atividade sem a contrapartida da escola, sobretudo no que se refere ao quesito acolhimento da proposta para atuação em suas dependências. A escola necessita esta envolvida no processo, trata-se de uma construção conjunta, ou seja, quem melhor que eles para compreender a realidade vivida?

Neste sentido, entendemos que, deve haver uma contrapartida da equipe do projeto em desenvolver e apresentar propostas norteadoras que subsidiem os docentes para elaborarem seus próprios roteiros.

No que diz respeito às temáticas fornecidas pelas instituições, percebe-se a necessidade de serem abordados temas como: abuso sexual, bullying, violência, família, educação étnica racial e valores (cidadania). Estes aspectos revelaram o endereçamento fílmico educacional das escolas participantes, sendo:

O endereço de um filme educacional dirigido a estudante, por exemplo, convida-a não apenas à atividade da construção do conhecimento, mas também à construção do conhecimento a partir de um ponto de vista social e político particular. Isso faz com que a experiência de ver os filmes e os sentidos que damos a eles sejam não

simplesmente voluntários e idiossincráticos, mas relacionais – uma projeção de tipos particulares de relações entre o eu e o eu, bem como entre o eu e os outros, conhecimento e o poder. (ELLSWORT *apud* SILVA e FREITAS, 2001, p. 19).

Abordar as vivências, a história identitária dos alunos é de suma importância para a formação do sujeito, principalmente relacionando com os conhecimentos da sala de aula. Para tal, o professor necessita estar atento a quais aspectos e conhecimentos o discente traz consigo, pois, os mesmos estão repletos de conhecimentos prévios que necessitam ser explorados de forma a desenvolver seu potencial de forma plena.

Depois de coletadas as informações, traçamos os perfis temáticos de cada instituição e iniciamos o processo de agendamento com as escolas, entrando em contato através dos e-mails e números telefônicos fornecidos pelos gestores escolares.

Para efeito desse trabalho estaremos nos referindo às escolas com o uso de nomes próprios, tipo: “José”, “Manuel” e “Fernando”, de forma a preservar a identidade. Formulamos para as instituições roteiros baseados nas temáticas: educação étnico racial, valores (Cidadania), abuso sexual, família, violência (bullying).

As escolas “Manuel” e “Fernando” apresentaram aspectos temáticos parecidos, entretanto se buscou preparar roteiros com atividades distinta devido as diferentes faixas etárias dos discentes.

Com a resposta de disponibilidade da gestão da escola “José”, iniciamos a nossa intervenção pedagógica em suas dependências no dia 11 de agosto de 2016. A escola acolheu o projeto nas suas instalações nos dando suporte. Fomos direcionados a sala em que desenvolveríamos as exposições e apresentados ao docente e aos discentes da turma. Montamos o equipamento audiovisual (notebook, data show e caixa de som), fornecido pela escola e começamos as atividades. (Cf. Anexo nº 06)

Foto nº 02: Atividade inicial do projeto na escola José, 2016



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

A utilização de recursos audiovisuais permite ao professor promover aulas mais lúdicas, ocasionando oportunidades do aluno desenvolver seus conhecimentos escolares e saberes de vida possibilitando a transformação de suas vivências em aprendizados, sobretudo neste momento em que temos nativos digitais fazendo parte do seu cotidiano escolar – “o cinema integra as mídias contemporâneas nas quais as novas gerações também estão implicadas.” (OLIVEIRA, RECH E CANTON 2015 p.18), e a sala de aula é “tomada” por estes recursos, neste sentido:

É necessário que os educadores aceitem transpor essas tecnologias da informação e comunicação para a sua metodologia de trabalho enquanto ferramentas educacionais, que se possa refletir a ludicidade enquanto ferramenta prática e inovadora, fundamental para a otimização da aprendizagem. (RIBEIRO, SILVA E ROCHA, S/D p. 50).

O projeto contribuiu para a construção de espaços de vivência entre professores, alunos e o cinema, o que na maioria dos casos verificou ser uma primeira experiência. O cinema precisa ser visto como algo além da simples projeção de imagens - constitui-se como forma de provocar debates e desencadear a construção de pensamentos críticos.

Embora, a inserção do cinema na sala de aula seja uma ferramenta que crie um ambiente inovador e propício ao aprendizado do aluno, o cinema na sala de aula não está para substituir a forma de ensino, mas para subsidiar o professor em suas aulas tornando-as mais atrativas ao discente, sobretudo, neste cenário em que o professor se depara com a necessidade de transforma-se em mediador, um orientador que motive e estimule os alunos a desenvolverem seus conhecimentos e capacidade de reflexão crítica.

O projeto propiciou um cenário favorável ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e, uma relação estreita entre professor, aluno e as exibições fílmicas principalmente no que diz respeito práticas pedagógicas com o uso do cinema. Essa “reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode virar blábláblá e a prática ativismo”. (FREIRE, 1996 p.24)

A aprovação da lei 13.006 de junho de 2014 torna obrigatória a exibições fílmicas no âmbito escolar, mas não proporciona subsídios necessários para concretizar sua prática, formação especializada, espaço (físico) propício à exibição fílmica entre outros aspectos. Santos e Barbosa (2015) apontam que a preparação deste ambiente composto pela organização da sala estruturada, condições de som e conforto ao espectador é de fundamental importância, e são complementados por Texeira, Azevedo e Grammont (2015. p. 84) que afirmam a necessidade [de] uma conjugação de fatores. Entre eles, além de uma adequada regulamentação, o trabalho com o cinema nas escolas, exige suportes da política pública educacionais, inclusive equipando as escolas para este fim.”

Neste contexto, confronta-se os percursos entre a teoria e prática da realização do cinema na escola, bem como se levanta questionamentos sobre qual visão do professor sobre o uso do cinema na sala de aula? Quais as consequências foram desencadeadas a partir das atividades da nossa equipe na escola. E o que faz a escola a partir desta experiência?

O docente como mediador não deve simplesmente direcionar o aluno, isto porque a importância do trabalho educativo promovido pelo professor deve recair sobre o levar o discente a pensar e construir seu conhecimento de forma autônoma. Para tanto, o professor precisará estar em constante processo de construção de seus conhecimentos, sendo os meios audiovisuais seus aliados para realização no sentido que englobam a percepção auditiva e visual que o espectador necessita desenvolver.

Vale ressaltar quais as reflexões estão sendo construídas pelo docente no que tange as contribuições da inserção do cinema no âmbito escolar que possibilita a descoberta de novas perspectivas da realidade a desenvolver diante de circunstâncias para ampliar o olhar do aluno e do professor tornando um ser mais sensível e crítico.

Para iniciar as atividades foi preparado um momento de rememorar, a partir de trailers dos filmes anteriores de Kiriku (1998) e (2006), inserindo os alunos no contexto na temática do dia em questão. Ao longo da exibição do filme “Kiriku: Os homens e as mulheres”³,

³ **Kiriku: os homens e as mulheres** (2012) é a terceira parte da trilogia (composta também por **Kiriku e a Feiticeira** (1998) e **Kirikou: Os Animais Selvagens** (2006)) dirigida por Michel Ocelot. O filme foi produzido na França no ano de 2012, conta com 88 minutos de aventura e humor. Narra as aventuras de Kiriku, uma criança africana sagas, que acompanha os conflitos

foram sendo realizadas pausas em algumas cenas e debates para questionar os discentes a respeito dessas produções e estimular seu imaginário, pretendeu-se avaliar quais impressões o filme lhes causavam a realidade ali apresentada.

Estes questionamentos atuavam em duas vertentes complementares, levar o aluno a iniciar o desenvolvimento dos seus sentidos visuais e auditivos, preparando-os para captar os detalhes nas imagens e sons e neste processo desenvolver sua curiosidade de aprender, de levantar e captar informações necessárias à construção do seu conhecimento. Neste processo, quanto mais o indivíduo exerce a sua capacidade de aprender, mas ele desenvolve a *curiosidade epistemológica*⁴.

Querendo auxiliar os discentes na fixação dos conhecimentos se realizou uma dinâmica, utilizando um barbante que conforme jogavam de um para o outro. Ao receber o fio era solicitado que escolhesse uma cena que houvesse gostado e explicassem o porque dela ter chamado a sua atenção. E como meio de envolver os professores nas práticas do projeto e estreitando a relação com o cinema interativo e a escola, nesta ocasião foram entregues desenhos a respeito do filme aos alunos e professores para pintura e montagem de um painel que seria usado para expor as produções que participantes captaram a partir das atividades fílmicas.

Fotos nº 03: Dinâmica do barbante na instituição “José”, 2016



Fonte: Relatório do projeto, 2016.

de sua aldeia é chamado para salvar sua aldeia de perigos sobrenaturais e humanos, o que ele faz com muita astúcia, coragem e humor, além de uma certa ingenuidade sobre o mundo.

⁴ Para Freire (1996) a curiosidade epistemológica tem por base o exercício crítico da capacidade de aprender, no investigar em oposição a curiosidade pautada no senso comum.

No dia 24 de agosto de 2016, iniciaram-se as atividades do projeto na escola Manuel, visando conscientizar os alunos a respeito de como suas ações afetam os seus colegas. O roteiro proposto diante da realidade da escola se baseava na temática de combate ao bullying, os curtas abordados foram: **Que papo é esse: bullying**⁵, **Refletindo sobre o bullying**⁶ e **Bullying, sai pra lá**⁷.

As instituições escolares apresentam diversidade física, cultural, histórica, dentre outras, e os alunos são dotados de contextos socioculturais, sendo a utilização do cinema, possibilitador de um campo de criação de diálogo entre as pessoas e os componentes curriculares.

A partir do cinema, criamos condições de transformar os filmes em temas para discussões sobre o conteúdo abordado nele. Trata-se de desenvolver uma reflexão que envolva a percepção dos alunos e dos professores como partes do processo de educar o olhar do sujeito promovendo uma formação mais profunda da leitura das imagens. Segundo Ferreira (2014 p.15) “a experiência com o cinema ainda na infância marca a memória afetiva pessoal e a escola nesse sentido deve se aproximar dos filmes como obras de arte e cultura”.

E neste percurso a construção do conhecimento não se dar de forma mecânica, mas centra-se em oposição ao que FREIRE (2005) afirma ser educação bancária em que o professor é detentor do conhecimento e deposita as informações no aluno que deverá as receber de forma passiva. Mas professores e alunos têm condições de se enxergar como autores e construtores do seu conhecimento.

Outro aspecto percebido são as condições socioeconômicas em que a escola se insere e afeta a sua relação com comunidade, em específico a relação entre aluno e escola, perpassando os seus ensinamentos. As crianças participantes das escolas, nunca haviam ido ao cinema.

Visando criar uma experiência de proximidade entre as escolas participantes e um ambiente próprio de exibição da sétima arte (O cinema), o encerramento da primeira fase do projeto foi realizada dentro da II Semana da Criança do CH-UEPB. Nesta oportunidade, 50

⁵ Curta com duração de 10min54 seg, abordando a história de Carlinhos que se mudou com sua mãe para outra cidade. Na nova escola, ele torna-se alvo de bullying praticado por um trio de valentões que atormentavam outros alunos da escola. O bullying sofrido por Carlinhos acaba por tornar-se o Cyberbullying e a repercussão afeta a autoestima do personagem que decide contar a sua mãe o fato ocorrido. A mãe de Carlinhos entra em contato com a escola para que sejam tomadas as medidas cabíveis.

⁶ **Refletindo o Bullying** é uma produção fílmica em quadrinhos com os personagens da turma da Mônica, de Mauricio de Souza. Nesta produção, Monica é alvo de bullying por Cebolinha, e comenta com Magali, que decide conversar com Cebolinha, explicando que sua atitude é considerada bullying, e que existem inúmeras formas de bullying e que suas consequências podem resultar até em situações extremas como a morte. Isto faz com que Cebolinha venha a refletir sobre as suas ações.

⁷ Clipe animado, apresentando através da música, as características do bullying e propondo ações de combate.

alunos das instituições de ensino atendidas pelo projeto tiveram a oportunidade de assistir uma produção fílmica no cinema do município de Guarabira.

Fotos nº 04-05: Ida das escolas ao cinema, 2016



Fonte: Arquivos do projeto, 2017.

Nesta ocasião, além de assistir um filme na telona ocorreu um evento cultural com apresentações musicais e danças, todas realizadas pelos discentes das escolas. Este momento permitiu a construção emocional e coletiva dos alunos como aponta GADOTTI, (2003, p.25): “A educação do futuro deverá se aproximar mais dos ‘aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais, emocionais... todos eles necessários para se alcançar uma educação democrática dos futuros cidadãos’.” [Grifos do original]

O trabalho com o cinema envolve aspectos comunicativos, comportamentais e emocionais, que permeiam a construção do indivíduo. Os discentes têm que encontrar sentido no que vai ser aprendido, mas também tem que sentir o gosto pelo momento. Nestas atividades, o aluno se percebe sujeito de sua própria história nas relações sociais, marcando a sua memória e tornando-se um aprendiz.

Foi bem legal, ir para o cinema, eu comi pipoca e tomei coca-cola, assisti o desenho, conheci outras pessoas e ate conversei com elas, me fizeram perguntas, se eu nunca tinha ido ao cinema? Usei óculos e o telão era grande e fazia frio, mas foi bom, Vi Suzana, Eduardo e Lucilene, foi bom o lugar, conhecer outras pessoas novas, bem-educadas, os meninos ficaram quietas e o cinema era muito grande. (J.A.S. Cuitegi)

Este primeiro contato com um ambiente de cinema, desperta o fascínio do aluno e prende a sua atenção, como apontam os próprios alunos após um primeiro contato com o cinema, citam o shopping, mas referem-se ao cinema:

Momento inesquecível. Fiquei muito feliz por participar com os meus coleguinhas desta tarde diferente no Shopping Cidade Luz em Guarabira, Gostei do filme da cegonha. Achei legal cantar com o coral e amei a boneca. Muito Obrigado Professora Rita! **(W.F.M Cuitegi)**

Oportunidades de aproximar o cinema das pessoas permitem despertar no discente mediado pelo professor e pela ferramenta, neste caso o filme, o interesse pela leitura do que se ver na tela, e relacionar com suas vivências. Envolvem-se com emoção, sentido, vontade própria, no processo de aprendizado, por outro lado, evidencia a necessidade do professor está também envolvido e ter a compreensão do que quer despertar no aluno, sem isto, o uso de cinema torna-se “apenas” entretenimento.

2.2. LUZ, CÂMERA E EMOÇÃO.

As experiências de interação do projeto com as escolas, considerando a avaliação dos participantes, sobretudo dos alunos sobre a ida ao cinema na cidade de Guarabira na primeira fase possibilitaram que na segunda etapa do projeto fosse aberta sob título: “Luz, câmera emoção: quando o cinema vai à escola pública”, com o objetivo de construir um ambiente de maior proximidade entre os alunos e as práticas de produções fílmicas. Nesta versão os alunos além de não serem meros espectadores seriam criadores de cinema, construtores de seus próprios curtas. São eles quem pensam o projeto, procuram meios para realizá-lo, filmam e acompanham suas obras a todo momento. (BERNADERT, S/D, p 175)

Nesta segunda fase nos deparamos com um momento desafiador, o trabalho com as emoções que o cinema desperta no aluno, mas não só isso, uma série de conflitos que encontramos no desenvolvimento da ida ao cinema. O que em primeira impressão acreditava-se continuar a possibilitar o desenvolvimento das atividades de forma plena, evidencia a necessidade voltar-se a uma primeira questão: Qual a visão que a escola, na figura de gestores, professores e alunos tem sobre o cinema?

Iniciamos a segunda fase, com necessidade de instigar os discentes ao hábito na leitura, visual e escrita, neste processo desenvolvendo a percepção dos sentimentos que os envolvem e atribuem ao filme, sua interpretação do observado e qual significado cultural estão produzindo.

Abordamos assim na escola Fernando, curtas como: “A menina que odiava livros”, “A fábula do porco-espinho” - apontando importância das relações sociais, “Aprendendo a

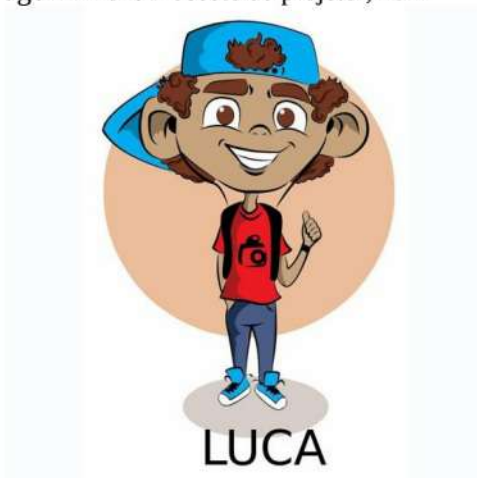
aprender”. Ao indagar e destacar a leitura do final do filme, suas compreensões, resulta na inquietação dos discentes, mas também dos próprios discentes a respeito do que se observa. “Esta atividade possibilitou compor cenários que aproximasse a leitura um imaginário” (DEUS, 2016, p.4)

Houve inúmeras tentativas, todas frutadas, de desenvolver atividades na escola José, com a inserção do Projeto novo Mais Educação na escola, que ocupou grande parte dos horários tornando impraticável as idas do cinema a escola.

A escola Manuel, por consecutivas vezes, organizamos a ida a instituição, hora por intermédio do gestor, ora por intermédio da docente colaboradora na escola. Porém, ao chegar na escola, frequentemente havia uma outra atividade sendo desenvolvida, e que ocupavam o horário reservado a atividade do projeto, uma vasta quantidade de atividades de órgãos externos desenvolvidos no ambiente escolar. Esta atitude denotava o insuficiente interesse dos gestores pelo projeto e permitia tecer alguns questionamentos sobre o cinema na escola, sendo foco o seguinte: por que querem o cinema na escola?


O roteiro elaborado para início dessa fase nas escolas foi composto por 3 etapas, primeiro uma **oficina de produção de curtas** baseadas no minuto Lumière, dividida em duas partes: apresentação teórica, fazendo-os conhecer a história, seus criadores e norteando as crianças nas características básicas que compõem a técnica do minuto Lumière, seguido de um momento prático, levando-os a exercitar o aprendido e a sua percepção do mundo, permitindo usarem do seu imaginário para captação da sua realidade, exercendo seu olhar sobre o que o cerca. No segundo momento, as escolas e a comunidade em geral, foram convidadas a participarem do processo de **criação e escolha do mascote** do projeto, a proposta possibilitou ver a percepção dos alunos a respeito de como viam o projeto, uma vez que através de suas representações, eles imprimem sua percepção no que tange a sua leitura da realidade. (Cf. Anexo nº 07)

Imagem nº 01: Mascote do projeto⁸, 2017



No terceiro momento, trabalhou-se os **Cadernos dos Cinéfilos**, criando um ambiente de diálogo entre a leitura do que era passado na tela e suas emoções, sendo exposto no diálogo das crianças com os exercícios no caderno.

Imagem nº02: Print do Caderno do cinéfilo, 2017

Curta: Vida Maria	
<p>1. Como você se sentiu ao assistir o filme Vida Maria? Marque apenas uma alternativa.</p> <p>a) <input type="checkbox"/> Alegre. b) <input type="checkbox"/> Triste. c) <input type="checkbox"/> Emocionado(a) d) <input type="checkbox"/> Não senti nada. e) <input type="checkbox"/> Outro. Diga o que você sentiu.</p> <p>2. Circule a(s) carinha(s) que você fez ao assistir o filme:</p> 	<p>3. Se você pudesse mudar algo no filme, o que você mudaria?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>4. Você diria a alguém que assistisse a esse filme? Por quê?</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p><i>Que bom que você respondeu as questões acima. Obrigado!!!</i></p>

Fonte: acervo pessoal, 2017.

Segundo Moran; Masetto e Behrens (2000), aprendemos melhor quando encontramos significado nas nossas vivências e experiências, quando relacionamos a teoria à prática, percebendo que uma completa a outra.

⁸ Luca é o mascote do projeto de extensão, Luz, Câmera e Emoção, seu nome deriva das iniciais do projeto: LU= Luz, e CA= Câmera resultado do concurso para escolha do mascote no ano de 2017, criado por Denize Albuquerque vencedora do concurso.

Com essa compreensão, os alunos tiveram a oportunidade manusear câmeras, tablets e celulares para gravar vídeos. A partir da técnica do minuto Lumière, eles foram instigados a fazer filmagem de pequenos vídeos, com a “experiência de produção de vídeos, levando-os as ruas com uma câmera de mão, capturando o cotidiano com tema predefinido.” (PIMENTEL 2011, 89).

Esta prática levou os alunos a escolherem cenários, ver situações, sons, e construir suas cenas em diferentes perspectivas da realidade. Discentes e docentes são colocados em situação de ir além do cinema interativo em que eles estavam “apenas” em contato com produções de outros autores, mas como produtores, os alunos exercitam o direito de aprender.

No decorrer da relação entre a escola e o projeto se aguçou a percepção. Em relação as duas etapas do projeto nas escolas integrantes uma visão comum se constituiu das instituições acerca da inserção da prática de exibição e produção fílmica pelos discentes, como contribuição a formação e construção das práxis docente e interação do aluno, com a temática abordada.

Assim sendo, voltaremos nosso olhar para estes sujeitos envolvidos no processo, e com base em nossa percepção sobre a relação de gestores, professores e alunos com a inserção do cinema na escola, percebeu-se que para:

Gestores – duas atitudes foram percebidas, a saber: que para alguns gestores viram nas atividades desenvolvidas na escola um forma de garantir uma certificação ao corpo docente e aos próprios gestores, motivo principal de acolher a proposta, na segunda fase e que as exibições de cinema interativo baseado no envolvimento com novas práticas que desenvolveriam os discentes (habilidades, conhecimento, entre outros) de incentivo e motivação aos docentes e discentes na participação das oficinas de cinema organizadas pelos projetos de extensão.

Docentes - notamos que, a prática das exibições é de pouco interesse dos docentes seja pela falta compreensão do porque integrar a prática de exhibir filmes a suas práxis seja pela forma como concebem o cinema - forma de preencher horários ociosos. Durante as execuções das propostas da equipe na escola, os professores pouco demonstraram interesse em participar do processo de construção dos roteiros.

Alunos - percebemos uma mescla de entendimentos dos alunos, o momento da exibição fílmica pode configura-se como lazer e não como aula, por estarem “rotineiramente” na escola, a saída da sala de aula com ação criativa os envolve e os revela novas

possibilidades de serem sujeitos ativos, o protagonismo nos processos de criação os aproxima da arte e os faz senti, pensar e agir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das informações levantadas e apresentadas neste processo de sistematização percebemos que convém elencar alguns aspectos a serem refletidos. Inicialmente a debilidade no que se refere ao apoio de instâncias educacionais como a Secretaria da Educação, a necessidade de se criar espaços de vivência entre discentes e escola, de investimentos em subsidiar a escola e prepará-la para inserção do cinema em seu ambiente. Os professores necessitam de apoio para integrar-se a estes novos meios tecnológicos, neste caso, o cinema.

Ao resgatar a história da prática vivenciada nos projetos de extensão: Luz, Imagem e Magia e Luz, Câmera e Emoção, conclui-se que através dessa experiência a diversidade na sala de aula compreende vastas formas de pensar, de agir muitas vezes inter-relacionados aos aspectos de vida dos discentes, docentes e gestores, e em decorrência incidem na forma como eles enxergam os recursos que são inseridos em seu cotidiano escolar. Esta relação entre a escola e o projeto, contribuiu para se perceber a necessidade do professor compreender sua responsabilidade de aprender a usufruir do cinema em sua sala, a mediação entre a produção fílmica e o aluno no processo ensiná-lo a ser construtor de seu conhecimento, levando-o a refletir o que se aprende.

Os alunos não são folhas em branco prontas a serem preenchidas, elas tem seus próprios saberes, histórias, contextos de vida, o professor não pode simplesmente “chegar e jogar” os conteúdos sem buscar saber quais são seus saberes, isso contribui para que o aluno aprenda de melhor forma, nessa relação tanto o docente quanto o discente conseguem desenvolver seus conhecimentos na interação.

Pensamos que, no momento em que os alunos compreendem que os filmes são mais que um momento de lazer, mais que contribuem para o seu aprendizado e que recursos como a câmera do seu celular podem possibilitar novas formas de serem autores de seus próprios filmes e com isto expressar sua própria forma de enxergar o mundo, utilizando da ferramenta em mediação pelo professor novas práticas formativas são inseridas na escola. As produções fílmicas na sala de aula são ferramentas para construção do conhecimento, e não apenas como recurso de preenchimento de horários de ócio. Ao usar-se desse recurso como estimulador de

conhecimentos de mundo, relacionador de conteúdos, possibilitando levar o discente a discutir e analisar as obras fílmicas um grande passo será dado em relação a formação humana do ser.

Para isso, gestores e professores tem que abdicar da resistência no que diz respeito ao cinema na escola e na sala de aula, partindo em busca de formação que possibilite o uso dessa ferramenta como apoio sem escantear o educativo, ou seja, tornando claro, o porquê usar, para que e como usar na sala de aula.

O cinema oportuniza o encontro entre os conhecimentos recorrentes das vivências diárias extraclasse com conteúdo que compõem o currículo escolar; assim, projetos de extensão como o Luz, Imagem e Magia/Luz, Câmera e Emoção, podem contribuir para a criação destes espaços de vivência e apropriação de conhecimentos a partir da experiência com o recurso de cinema.

ABSTRACT

This article aims to present, from the systematization of experiences, the rescue of the process lived in Light, Image and Magic and Light, Camera and Emotion projects, in order to raise the contributions made by the project team to public schools in the cities of Guarabira and Cuitegi, focusing on the impasses as well as the relationship between managers, teachers, students and the project team in relation to cinema. The proposal of interactive cinema developed in schools together with the students sought to affirm the protagonism of children and youth as an essential condition for the production of short films, socialization and the construction of knowledge based on the lived reality. It is concluded that cinema in the school requires the collective work, the democratic management and the permanent formation of the educators, forging a public policy committed to the ethical and the social, in a commitment with the art to the culture while doing human.

Keywords: Cinema. Knowledge Building. University Extension.

REFERÊNCIAS

BERNARDET, Jean-Claude. O que é Cinema. In: _____, ROSSI, Clóvis e KNAPP, Wolfgang. **O que é jornalismo, editora cinema**. S/l: s/d. (Coleção primeiros passos)

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAVALCANTE, Rita de Cássia da Rocha. Luz, imagem e magia: o cinema infantil no CH-UEPB. Relatório Final de pesquisa: projeto de extensão, UEPB: Campina Grande, 2016.

_____. Luz, Câmera e Emoção: quando o cinema infantil vai à escola pública. Relatório Final de pesquisa: projeto de extensão, UEPB: Campina Grande, 2017.

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. **Sistematização em educação popular: uma história, um debate**. In: **Anais da 30 Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação** – ANPED. Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT06-3316--Int.pdf>> Acesso em: 28 de setembro de 2018.

_____. **Sistematização três pontos juntando cacos, construindo vitrais**. Ijuí (RS): EdUnijuí, 1995 (Cadernos Unijuí).

FERREIRA, Renata Costa. **Cinema como espaço de aprendizagem: as narrativas das crianças sobre os filmes no Ensino Fundamental**. Rio de Janeiro, S/L, 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GADOTTI, Moacir. Crise de identidade, crise de sentido. In:_____. **Boniteza de um sonho ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2003.

Jara, Oscar. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: EDUFPB, 1996.

MORAN, José Manuel; Masetto, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Valeska Maria de; RECH, Indiara; CANTON, Fabiane Raquel. **Lei 13.006/2014: O instituído e o instituinte na escola e na formação de professores**. Porto Alegre: Políticas Educativas, 2015.

PIMENTEL, Lucilla Silveira Leite. **Educação e cinema: dialogando para a formação de poetas**. São Paulo: Cortez, 2011.

TEXEIRA, Inês Assunção de C. AZEVEDO, Ana Lucia F. GRAMMONT, M. Jaqueline. O cinema pela escola: aproximações à lei 13.006/2014. In: FREQUEST, Adriana. **Cinema e educação: a lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas**. 2015. Disponível em: <<http://www.redekino.com.br/pesquisa/cinema-e-educacao-a-lei-13-006-reflexoes-perspectivas-e-propostas/>> Acessado em: 28 de novembro de 2018

SANTOS, Maria Angélica dos. BARBOSA, Maria Carmem Silveira. A luz da lei. In: FREQUEST, Adriana. **Cinema e educação: a lei 13.006 – reflexões, perspectivas e propostas.** 2015. Disponível em: <<http://www.redekino.com.br/pesquisa/cinema-e-educacao-a-lei-13-006-reflexoes-perspectivas-e-propostas/>> Acessado em: 28 de setembro de 2018

Paulo Freire e MST - Somente pela luta teremos a Libertação (filme). Disponível em: (<https://www.youtube.com/watch?v=qQUtkvjNhSQ>)

Refletindo o bullying(filme). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j3v70bmk4eE> Bullying,

Sai pra lá – DVD Super ECA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zv2pKABQhDo>

Filme Kiriku. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/kiriku-os-homens-e-as-mulheres/> acesso em 01 de outubro de 2018.

Filme o Calango. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-animacao-brasileira-calango>> Acesso em: 23 de outubro de 2018.

A menina que odiava livros (filme). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=geQl2cZxR7Q&t=361s>.> Acesso em: 23 de outubro de 2018.

ANEXO

Anexo nº 01

The image shows a screenshot of a Facebook page for 'Luz, Imagem e Magia'. The browser address bar shows the URL: https://www.facebook.com/pg/Luz-Imagem-e-Magia-100320943712166/about/?ref=page_internal. The page header includes the name 'Luz, Imagem e Magia' and navigation options like 'Página inicial', 'Criar', and 'Configurações'. The main content area features a profile picture of a cartoon character named 'LUCA' and a cover photo of a vintage movie projector. Below the cover photo, there are interaction buttons: 'Curtiu', 'Seguindo', 'Compartilhar', and 'Enviar mensagem'. The 'Sobre' section is visible, showing the page category as 'Educação' and the name as 'Luz, Imagem e Magia'. There is also a section for 'INFORMAÇÕES COMERCIAIS' which is currently empty.

Facebook page for 'Luz, Imagem e Magia'. The page features a profile picture of a cartoon character named 'LUCA' and a cover photo of a vintage movie projector. The page is categorized as 'Educação' and the name is 'Luz, Imagem e Magia'. The page also includes a section for 'INFORMAÇÕES COMERCIAIS'.

Anexo 02

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROJETO DE EXTENSÃO: LUZ, IMAGEM E MAGIA: O CINEMA INFANTIL N O
CENTRO DE HUMANIDADES
EQUIPE: RITA DE CÁSSIA DA ROCHA CAVALCANTE
TELMA MARIA DE OLIVEIRA
CARLOS EDUARDO

1. PROPOSTA:

Esse semestre estamos lançando o projeto de extensão intitulado “Luz, imagem e magia: O cinema infantil no Centro de Humanidades”, para tanto, pretendemos estabelecer uma relação mais estreita entre a universidade, escolas e comunidade.

Estimamos inicialmente realizarmos visita as escolas públicas e instituições que cuidam de crianças na cidade Guarabira. Esperamos empreender junto aos que estão nas instituições levantamentos que possibilitarão a construção de planos pedagógicos para implantar o cinema nas escolas.

Neste sentido, buscamos a formação de parcerias junto ao poder público local, bem como, a sociedade civil organizada. Disponibilizaremos o acesso mensal de uma programação voltada ao público infantil gratuitamente no Centro de Humanidades. A cada trimestre iremos ofertar aos professores participantes do projeto como colaboradores uma oficina pedagógica, além da certificação da atividades. Ao logo do semestre estamos prevendo organizar festivais de curtas metragens abertos a comunidade.

Desta forma, assumimos a responsabilidade em fomentar novas práticas no uso do material visual, filmico, contando com o estabelecimento de parcerias.

2. OBJETIVOS:

O projeto visa implantar o cinema infantil em espaços educativos, a partir da organização de uma proposta de intervenção no Centro de Humanidades. Esperamos desenvolver ações formativas junto aos professores e demais profissionais que lidam diariamente com crianças em instituições escolares. Desejamos elaborar um planejamento coletivo para instituir novas práticas no uso de recursos audiovisuais, em destaque o cinema infantil. Queremos estimular a relação entre universidade, escola e comunidade como condição de formação continuada e emancipadora.

3. METODOLOGIA:

O processo de implantação do cinema infantil será iniciado pelo levantamento junto a órgãos oficiais na cidade de Guarabira. Primeiramente iremos a Secretaria de Educação e a Regional do Estado na tentativa de estabelecer um acordo de parceria para efetivação da proposta. Posteriormente passaremos nas escolas públicas da educação infantil para contatos com os profissionais e demais envolvidos. Por fim, faremos uma ampla divulgação da proposta junto

a sociedade civil através dos meios de comunicação.

Na condução do processo será necessário o planejamento coletivo nos espaços identificados para implantação. Estimamos que cada escola participante deverá ter pelo menos um professor colaborador. O acesso ao planejamento em todas as suas etapas será gratuito. Cada encontro ocorrerá mensalmente com a participação da equipe do projeto, colaboradores e pessoas da comunidade. A expectativa é que a cada três meses tenhamos oficinas pedagógicas para os colaboradores com direito a certificação. A cada seis meses pensamos a organização de eventos com veiculação de curtas infantis.

A fim de efetivar a proposta acima descrita, necessitamos da concessão de transporte público, na seguinte condição: uma vez ano para abertura dos trabalhos, uma vez por mês para a comunidade em geral frequentar o cinema no Centro de Humanidades e uma vez a cada três meses para os professores colaboradores do projeto participarem de atividade formativa.

Diante do exposto, esperamos contar com o apoio e a presteza de V.S^a, nos despedimos,

Atenciosamente,

Guarabira, 26 de fevereiro de 2016.

Anexo 03

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
PROJETO DE EXTENSÃO: LUZ, IMAGEM E MAGIA

Planejamento para o encontro do MST – 20/04/2016
Oficina com as crianças do MST

Objetivo Geral: Refletir sobre a história do MST com as crianças do movimento a partir de curtas metragens.

1º Momento:

- Abertura com a dinâmica do corpo produz música. Rielson (10min)
- Dinâmica da pipoca (distribuição de pipocas). Rielson (10min)

2º Momento:

- Vídeo: Reforma agrária do MST. Telma. (10min)
- Roda de conversa para que todas as crianças faça uma pequena apresentação sobre elas. (10 min)

3º Momento

- Vídeo: O que pensam do MST. Carlos Eduardo. (8min)
- Desenhar o que gostam (as crianças) (15 min)

4º Momento

- Apresentação de um curta: Calango. Jéssica (8min)
- Concurso de quem melhor imita um animal. (15min)

5º Momento

- Vídeo: Paulo Freire. Rita Rocha. (3min)
- Confecções de faixas para os braços. (10 min)

Finalização: Plantar a árvore.

Anexo 04

Programação cinema infantil
Luz, imagem, imaginação.

Data: 30 de abril de 2016

1º momento

- Acolhimento das crianças e adultos responsáveis do lado de fora com a música da “pipoca” enquanto espera os demais chegar. (10 minutos)

2º momento

- Apresentação do projeto (10 minutos)

3º momento

- Dinâmica: Corpo produz música (10 minutos)

4º momento

- Filme (30 minutos)

5º momento

- Retratando o filme, sobre a perspectiva das crianças através do desenho e em seguida comentar sobre os desenhos e por que aquilo lhe chamou atenção no filme.

6º momento

Agradecimentos e entrega de lembrancinha/Doces e Guloseimas.

Anexo N° 05

NOME DA ESCOLA:

Endereço:

Email da escola:

Gestor (a):

Telefone:

Professor(a) Colaborador(a):

Telefone:

Email:

Qual turma do projeto?

Quantas Crianças na turma?

Qual horário para o cinema na escola?

Temas Sugeridos:

Anexo 06



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA

Programação do Cinema infantil

Projeto de extensão: **Luz, imagem e magia: O cinema infantil no CH - UEPB.**

Data: 11/08/2016.

Horário: 14:00 -16:00.

Multirão.

Material para execução do cinema: Barbante, música, folhas com os desenhos, DataShow, Local espaçoso para a dinâmica, Caixa de som, Tnt's para confecção do painel Parede onde será exposto o painel, fita dupla face. Local para fazermos as pipocas.

1º Momento: 15 minutos

Dinâmica do trem. Entrega de pipocas. Acolhimento das crianças (conversa sobre a apresentação do filme). Trailer dos filmes anteriores.

2º Momento: tempo: 1 hora e 10 minutos

Exibição fílmica (*Kiriku: Entre homens e mulheres*). Local para exibição fílmica (a definir).

3º Momento: 15 minutos

Dinâmica do barbante (recontando o que vi, por exemplo: pede-se aos alunos para falar um pouquinho do filme, que parte mais gostou, o que lhe chamou atenção naquela cena, etc)

4º momento: 20 minutos

Vamos colorir (desenhos para pintar), entrega dos desenhos. Desafio: montagem de um painel com os desenhos pintados.

Anexo 07



Universidade Estadual da Paraíba
Centro de Humanidades
Departamento de Educação
Coordenação de Pedagogia
Projeto de extensão: **Luz, câmera e emoção: Quando o cinema vai à escola pública infantil**

Data:07/06/2017

Horário: 14:00 às 16:00

Cuitegi

Programação do Cinema Infantil

1. Abertura - Saudações: (05 minutos)
2. Divulgação do Mascote do Projeto: 2ª fase do projeto. (05 minutos)
3. Exposição sobre filmes de curta duração e o minuto Lumière. (20 minutos)
4. Oficina de produção de curtas. (30 minutos)
5. Exibição dos curtas produzidos. (30 minutos). Distribuição de pipocas.
6. Festival interno de curtas. Encerramento. (30 minutos)